



Para além da sala de aula: a Galeria Experimental como espaço de difusão cultural¹

Beyond the classroom: the Experimental Gallery as a cultural diffusion space

Más allá del aula: la Galería Experimental como espacio de difusión cultural

Giovanna Veiga dos Santos²

Museóloga no Museu da Cultura Hip Hop, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Ana Carolina Gelmini de Faria³

Docente do Curso de Museologia do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Recebido em: 01/03/2021

Aceito em: 23/06/2024

Resumo

Este artigo investiga o papel da Galeria Experimental do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), Câmpus Sapucaia do Sul, como um espaço de difusão cultural na Região Metropolitana de Porto Alegre - RS. Assim, analisa-se a Galeria Experimental como um fenômeno cultural, a partir de seu processo de implementação, a fim de compreendê-la dentro desse espaço escolar e na sua relação com a comunidade. A metodologia abrange a análise bibliográfica e documental, bem como entrevistas estruturadas, onde evidenciam-se relações e experiências de caráter museal para fins de uma prática fundamentada na educação dialógica. Destaca-se a importância da existência de projetos que subvertem o conhecido e o usual, evidenciando o impacto que um espaço de fruição de arte e de produção cultural no ambiente escolar pode gerar naqueles que o usufruem.

Palavras-chave: Educação museal. Educação Dialógica. Galeria Experimental.

Abstract

This article investigates the Experimental Gallery's role in the Federal institute of education, science and technology of Rio Grande do Sul, Sapucaia do Sul's Campus, as a space of cultural diffusion in the metropolitan area of Porto Alegre-RS. It analyzes the Experimental Gallery as a cultural phenomenon, since it's process of implementation, with the intent of exploring its place inside the Campus and its relation with the community. The

1 O texto apresentado é derivado da pesquisa realizada na graduação em Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), para fins de diplomação como bacharelada em Museologia (Santos, 2020).

² giovannaveigamuseologa@gmail.com.

³ carolina.gelmini@ufrgs.br

methodology covers bibliographical and documental analysis, as well as structured interviews, where relations and experiences of museal character stand out in favor of a practice grounded in dialogic educational practices. it highlights the importance of projects that subvert the known and usual, evidencing the impact that a space of art fruition and cultural production in a school environment can impact those who engage with it.

Keywords: Museal education. Dialogic Education. Experimental Gallery.

Resumen

El artículo investiga el papel de la Galería Experimental del Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), Campus Sapucaia do Sul, como un espacio de difusión cultural en la región metropolitana de Porto Alegre - RS. Así, analiza la Galería Experimental como un fenómeno cultural, a partir de su proceso de implementación, para comprenderla dentro de este espacio escolar y su relación con la comunidad. La metodología contempla el análisis bibliográfica y documental, así como entrevistas estructuradas, en las cuales se destacan las relaciones y experiencias de carácter museal para fines de una práctica fundamentada en la educación dialógica. Destaca la importancia de la existencia de proyectos que subvierten el conocido y el usual, subrayando el impacto que un espacio de disfrute de arte y de producción cultural en el entorno escolar puede generar en aquellos que lo disfrutaron.

Palabras clave: Educación museal. Educación dialógica. Galería Experimental.

Introdução

Quando fechamos os olhos e lembramos da nossa educação formal, uma série de referências nos vem à mente: parte significativa está associada à arquitetura escolar. Pátios, corredores e salas são espaços que marcam um cotidiano de circulação e encontros. Configurados como dispositivos de normatização, alguns desses cenários passam por processos de transformação que potencializam novas práticas de uma sociabilidade escolar. Uma sala de aula, reconfigurada por seus usuários e batizada de Galeria Experimental, nos chamou a atenção ao potencializar um ambiente em que sua significância está pautada prioritariamente na interação social, para dar conta de uma dinâmica coletiva e colaborativa.

A Galeria Experimental, situada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), Câmpus Sapucaia do Sul, teve seu processo de criação em 2013, ano em que uma sala de aula do térreo do prédio escolar foi convertida em um espaço de fruição da arte. Esse projeto vem ganhando cada vez mais força e, o que começou com uma exposição de fotografias referente a uma saída de campo, hoje recebe artistas reconhecidos na região e tem extrapolado os limites territoriais do IFSul. Mesmo com os desafios de manter esse espaço ativo, a Galeria permanece atuando com exposições regulares e eventos culturais que produz.

Esse projeto não deve ser visto como uma ação isolada nesse espaço escolar. O IFSul tem, como

uma de suas características, a preocupação com a formação cultural de seus alunos. Além disso, desde a implantação do antigo curso técnico em Gestão Cultural, é perceptível que houve um maior fomento à participação e produção de projetos ligados às diversas manifestações culturais. Isso se faz presente na esfera institucional, mas principalmente por trabalho e incentivo dos servidores e professores que possuem importantes papéis à frente dessas ações.

A importância dessa atuação cultural não se dá somente dentro da escola, sendo possível perceber a relevância desses projetos também na região onde está localizado o IFSul. Isto se dá devido à escassez de equipamentos culturais - e ainda em maior escala quando a manifestação é a arte -, principalmente no município de Sapucaia do Sul, assim como nas cidades vizinhas. Por conseguinte, a Galeria Experimental possui o potencial de ser uma referência de espaço de difusão da arte na região.

Na conjuntura atual brasileira, um dos esforços da população está na luta pela manutenção de uma educação de qualidade, em que também se discute a permanência dos Institutos Federais - os quais se destacam por sua excelência na formação educacional. Nessa perspectiva, é de grande importância que o trabalho realizado nessas instituições seja de conhecimento público e que essa qualidade seja apontada para aqueles que não fazem parte desta comunidade escolar. Portanto, qual é o papel da Galeria Experimental do IFSul Câmpus Sapucaia do Sul como um espaço de difusão cultural na Região Metropolitana de Porto Alegre - RS?

Para responder tal questionamento, executou-se uma pesquisa de conclusão de curso que serviu como base para este artigo. A investigação caracterizou-se como bibliográfica e também documental. A primeira consiste na análise de dados de fontes secundárias, oriundas de outros estudos já publicados, enquanto a segunda utiliza fontes primárias que ainda não receberam tratamento analítico (Gil, 2002) – por exemplo, os planos de trabalho dos voluntários e o formulário de registro de projeto de extensão. Em relação ao procedimento técnico, esse consistiu em um estudo de caso, que se caracteriza por ser uma pesquisa aprofundada de um caso específico, que possibilita a compreensão detalhada da situação (Gil, 2002).

Para além das fontes disponibilizadas, a pesquisa produziu novos registros documentais, derivados de entrevistas estruturadas, no formato de questionário on-line, as quais foram distribuídas para três tipologias de agentes relacionados à Galeria Experimental: as professoras que criaram o espaço, os voluntários e os artistas que tiveram seus trabalhos expostos. A execução da pesquisa teve anuência dos entrevistados por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido disponibilizado no cabeçalho dos

questionários on-line. Para a análise desses dados coletados, com ênfase descritiva e exploratória, foi utilizada a abordagem qualitativa.

Os resultados obtidos a partir dos multimétodos empregados nos convidam à reflexão sobre como uma galeria de arte estruturada em um espaço escolar público pode representar a resistência da cultura, da arte e da educação frente ao momento político enfrentado no Brasil.

IFSUL e Galeria Experimental: um itinerário entre a cultura, a arte e a educação

Para se pensar sobre os Institutos Federais, é necessário observar o contexto histórico e político educacional do país ao longo dos anos. Nesta modalidade de educação profissional, o ensino está fortemente relacionado à demanda do mercado. Desde seu primeiro formato até os dias atuais, essas instituições têm se transformado e se adequado conforme as necessidades do setor econômico. Elas têm construído suas trajetórias acompanhando as mudanças na forma de ensino, principalmente no que concerne a preocupação em formar profissionais com as aptidões necessárias para esse novo ambiente.

Segundo Araújo e Hypólito (2016), diferentes formas de organização têm sido pensadas e colocadas em prática quando se analisa a educação profissional, já que esta tem como característica principal complementar as variações que ocorrem nos setores de produção. Com isso, as instituições federais responsáveis pelo ensino profissional e tecnológico passaram por processos de transições e ganharam novas roupagens ao longo do tempo.

No que se refere a trajetória do ensino profissionalizante, Rosa (2011) disserta em sua pesquisa que o início se deu em 1909, a partir da fundação de Escolas de Aprendizes Artífices. Estas se fizeram presentes em 19 estados brasileiros, e cabe destacar que o Rio Grande do Sul não fez parte desse grupo. Devido a transformação da ocupação agroexportadora para a industrial no país, durante o período de 1930 a 1945, acabaram se tornando Escolas Industriais e Técnicas, com uma nova configuração. Em 1959 foram estabelecidas como Escolas Técnicas Federais, onde se percebe maior delimitação estrutural.

Com o passar dos anos, as transformações continuaram a acompanhar o contexto do setor econômico. Os anos de 1980 vieram acompanhados da globalização, o que fez com que houvesse uma ampliação, principalmente, do que tange a área da informática e telecomunicações, trazendo alterações aos processos de produção. Desse modo, o desenvolvimento se refletiu nas escolas, trazendo uma

preocupação em ofertar programas que atendessem essa nova demanda. Então, a partir de 1994, iniciou o processo de alteração para Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs) (Rosa, 2011).

O próximo importante marco nessa trajetória trata da publicação da Lei nº 11.195, de 18 de novembro de 2005 (Brasil, 2005), que estabelece a execução da primeira fase do Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica com a estruturação de 64 novas unidades. A segunda parte do plano ocorreu no ano de 2007, com o objetivo de oferecer a construção de 150 unidades de ensino. Essa implementação seguiu a lógica de integrar projetos sociais às atuações de desenvolvimento territorial e a valorização da atividade produtiva (Idem, 2011).

Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) surgiram e foram estabelecidos legalmente no ano de 2008, com a Lei nº11.892. Para a constituição dessas novas instituições, foram extinguidos 38 centros federais de educação tecnológica, juntamente com 75 unidades descentralizadas, com 39 escolas técnicas, mais sete escolas técnicas federais e oito escolas ligadas às universidades federais. Assim, foi criada uma rede federal mais unificada, com 38 IFs (Rosa, 2011).

Para pensar a Educação Técnica Federal no Rio Grande do Sul, Rosa (2011) sugere retornar ao ano de 1917, quando se deu início aos esforços para que fosse possível a implantação de uma escola com esta característica. À vista disso, foi criada a Escola de Artes e Ofícios no município de Pelotas. Porém, foi apenas em 1930 que a instituição passou a trabalhar de forma efetiva com a modalidade de ensino profissionalizante. Ao longo dos anos, ocorreram transformações em relação a sua forma de atuação e com isso sua nomenclatura e cursos oferecidos também se alteravam.

Um dos importantes momentos que auxiliou no processo de delimitação da área de atuação desta escola pelotense e possibilitou uma nova configuração na sua forma de trabalho foi a alteração de Escola Técnica Federal para Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET), em 1999. Esse modelo permitiu a implementação de cursos superiores em tecnologia e até mesmo cursos na modalidade de pós-graduação, além dos cursos técnicos de nível médio já oferecidos pela instituição (Rosa, 2011).

Segundo Rosa (2011), o próximo passo dado em relação aos CEFETs foi o de sua transformação em Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. A partir de dezembro de 2008, com a Lei nº11.892, o CEFET-RS acabou por se tornar IFSul - Instituto Federal Sul-rio-grandense. Nesta mesma ocasião foram criados o IFRS - Instituto Federal do Rio Grande do Sul e o IFF - Instituto Federal Farroupilha. Estas instituições possuem campi em diferentes municípios do estado, em todas as regiões do mapa. Ao total,

no ano de 2011, período em que a autora escreve, o número de polos era 24 (Idem, 2011). Já em levantamento atualizado, a contagem chega a 42 campi.

Mas o que significa se tratar de um Instituto Federal? De acordo com Araújo e Hypólito (2016), os IFs são autarquias federais que consistem em ter independência nas suas variadas formas de arranjo, tanto no sentido administrativo e financeiro, quanto em questões pedagógicas e disciplinares. Além disso, têm por característica se construir em rede, com campi nas mais diversas localidades, em variados níveis e modalidades de ensino. Um destaque interessante é a sua responsabilidade com as áreas de pesquisa e extensão que se fazem muito presentes nos Institutos. Então, é possível observar, mesmo que brevemente, uma diferenciada forma de se perceber a educação nestas entidades, e isso se dá muito pela existência de um caráter autônomo.

Otranto (2010), com base na Lei que oficializa a criação dos IFs, afirma em sua pesquisa que os Institutos

[...] se propõe[m] a realizar e estimular a pesquisa aplicada, **a produção cultural**, o empreendedorismo, o cooperativismo, e promover a produção, o desenvolvimento e a transferência de tecnologias sociais. Deve[m], ainda, orientar sua oferta formativa em benefício da **consolidação e fortalecimento dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais, a partir de mapeamento das potencialidades de desenvolvimento socioeconômico e cultural**, em cada Instituto Federal. (Otranto, 2010, p.101, grifo nosso)

Dessa forma, verifica-se que as diretrizes em relação a atuação dos Institutos Federais de Educação não são apenas sobre o ensino, mas destacam também outros aspectos que são de grande importância na forma de trabalho destas entidades. Nesse contexto, vale ressaltar o apontamento para o incentivo à produção cultural, assim como a valorização do potencial cultural do contexto local onde se estabelece. Nessa perspectiva, percebe-se os IFs como espaços de educação que englobam fatores que extrapolam a sala de aula.

IFSul Câmpus Sapucaia do Sul: casa da Galeria Experimental

Para contextualizar o IFSul - Câmpus Sapucaia do Sul, é necessário localizá-lo geograficamente e, nesse sentido, pensar sobre o município de Sapucaia do Sul. Segundo o site oficial da Prefeitura, essa localidade faz parte da Região Metropolitana de Porto Alegre e está a 19 quilômetros da capital. A partir de dados do ano de 2022, Sapucaia do Sul possui área de 58,247km² e população de 132.107 habitantes.

Uma de suas características mais latentes é o seu desenvolvimento industrial. Sua localidade contribuiu nesse processo, visto o seu fácil acesso para outros polos industriais (Prefeitura de Sapucaia do Sul, [entre 2022 e 2024]b).

Mas, para chegar na instituição que conhecemos hoje, foi necessária uma longa trajetória de trabalho e empenho do seu quadro de pessoal, assim como de políticas que amparassem seu funcionamento e desenvolvimento. Segundo Rosa (2011), a unidade da Escola Técnica em Sapucaia do Sul começou a ser pensada entre os anos de 1985 e 1989, devido ao Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Técnico. A partir disto, foram apresentados projetos de municípios que teriam interesse em sediar uma Unidade de Ensino Descentralizada, as quais estariam ligadas a Escolas Técnicas Federais já estabelecidas.

Com isso, a Prefeitura de Sapucaia do Sul foi em busca de atender as medidas solicitadas pelo Ministério da Educação, que acabou por conquistar a doação, para a Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPel), de uma área com aproximadamente 40.000m². Esta mesma área seria destinada à construção de uma Unidade de Ensino Descentralizada no município. Esse fato ocorreu no final do ano de 1986, a partir da Lei Municipal nº 1.138. Porém, foi apenas no ano de 1992 que as obras tiveram seu início (Idem, 2011).

Em 1993, o Ministério da Educação autorizou a ETFPel a iniciar os trabalhos na Unidade de Sapucaia do Sul, que no ano anterior já havia recebido, segundo meios legais, quadro docente e técnico administrativo, para que fosse possível a abertura de sua atuação. Porém, não houve essa efetivação uma vez que ocorreram atrasos na construção do prédio que viria a abrigar a nova unidade. Esse obstáculo apenas cresceu, causando ainda mais adiamento em suas atividades (Rosa, 2011). As aulas começaram no ano de 1996, porém o prédio ainda não tinha sua obra concluída, devido aos diversos problemas com a antiga construtora. Com isso, a matrícula inicial contou com 297 alunos, distribuídos nos três turnos (Posteiro, 1998).

Como explicitado anteriormente, no ano de 2008 houve a mudança dos CEFETs para Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Esse movimento fez com que a Unidade de Ensino Descentralizada Sapucaia do Sul se tornasse Câmpus Sapucaia do Sul, ainda partindo da mesma ligação com a reitoria de Pelotas-RS (Rosa, 2011). Desde sua criação até os dias atuais, esse Câmpus apresentou diferentes configurações relacionadas a disponibilização dos cursos técnicos, mantendo as ofertas associadas às necessidades do contexto local. No início de seu funcionamento, o Câmpus disponibilizava

o Curso Técnico em Plástico, decisão tomada a pedido e demanda do setor industrial de Sapucaia do Sul e dos municípios da região que se beneficiaram com esses profissionais. Porém, ao longo dos anos, as ofertas foram se ampliando e diferentes cursos foram concebidos.

Porém, o destaque que se deseja fazer nesta pesquisa é em relação ao Curso Técnico em Gestão Cultural, uma das poucas ofertas que não está associada diretamente ao setor industrial. Segundo material de divulgação institucional, o curso foi criado a partir da percepção do crescimento do setor cultural, visando seu potencial de participar do desenvolvimento social (Campus, [2008?]). Ainda com base em material de divulgação, o profissional formado nesse curso estaria apto para a concepção, elaboração e execução de projetos socioculturais, para atuar nas esferas públicas, privadas e de organização social, com olhar crítico, global e estratégico. As disciplinas ofertadas no curso visavam capacitar o aluno para articular ações que visassem os laços identitários, a fim de promover a inclusão, preservar o patrimônio e a diversidade cultural das comunidades (Campus, [2008?]). Esse curso técnico teve início em 2008, com duração de cinco anos. Em 2012, seu nome foi alterado para Técnico em Eventos e, com isso, vieram as mudanças também na grade curricular e nas características da formação.

A oferta desse curso técnico no município de Sapucaia do Sul vinha ao encontro da proposta dos Institutos Federais, onde um dos itens de seus objetivos está relacionado a potencializar as ações e produções culturais nas regiões das instituições. Isto se torna ainda mais perceptível quando se observa que a presença de espaços ou eventos culturais na cidade é pequena. Segundo o site oficial da prefeitura, quando se trata de turismo e lazer, as oportunidades estão relacionadas, em sua maioria, com ambientes de riqueza natural, como parque zoológico, estação ecológica e praças. O portal nem mesmo cita a existência da Biblioteca Pública Municipal Euclides da Cunha e o Museu Histórico Municipal, o que pode retratar certo desinteresse institucional nesta temática (Prefeitura de Sapucaia do Sul, [entre 2021 e 2024]a).

Essa carência em relação a espaços e eventos relacionados a cultura e a memória é ainda maior quando se pensa sobre a arte no município. Não foi encontrado nenhum lugar que seja destinado especificamente à produção e fruição da arte, além do objeto desta pesquisa. Desviando desse padrão, a Galeria Experimental torna-se uma ação fora da curva. Desse modo, o IF Sul traz uma outra perspectiva sobre a arte e a cultura, principalmente, no que diz respeito ao incentivo e a valorização desta. Segundo Amaral (2016), mesmo que a educação técnica profissional esteja relacionada à reprodução e repetição, onde se percebe a educação de uma forma racional, as experiências artísticas têm o potencial de deslocar

estas noções. No caso do IFSul - Câmpus Sapucaia do Sul, a autora observa que os movimentos gerados a partir da arte nesse espaço já vêm produzindo efeitos no ambiente escolar, sobretudo no que concerne ao aumento do interesse pela temática daqueles que ali circulam (Amaral, 2016).

Esse interesse e a disposição, tanto por parte dos docentes e funcionários, quanto dos alunos, auxiliam no processo de destaque do potencial que a conexão com a arte possibilita. Ou seja, corroboram com a percepção de uma gama de perspectivas disponíveis sobre as mais variadas áreas de conhecimento inseridas nesse ambiente escolar. Percebe-se, no Câmpus Sapucaia do Sul, que o movimento de aproximação com a arte aumenta uma vez que a possibilidade de contato com a ela se amplia, seja a partir da presença de exposições ou com as práticas artísticas (Amaral, 2016).

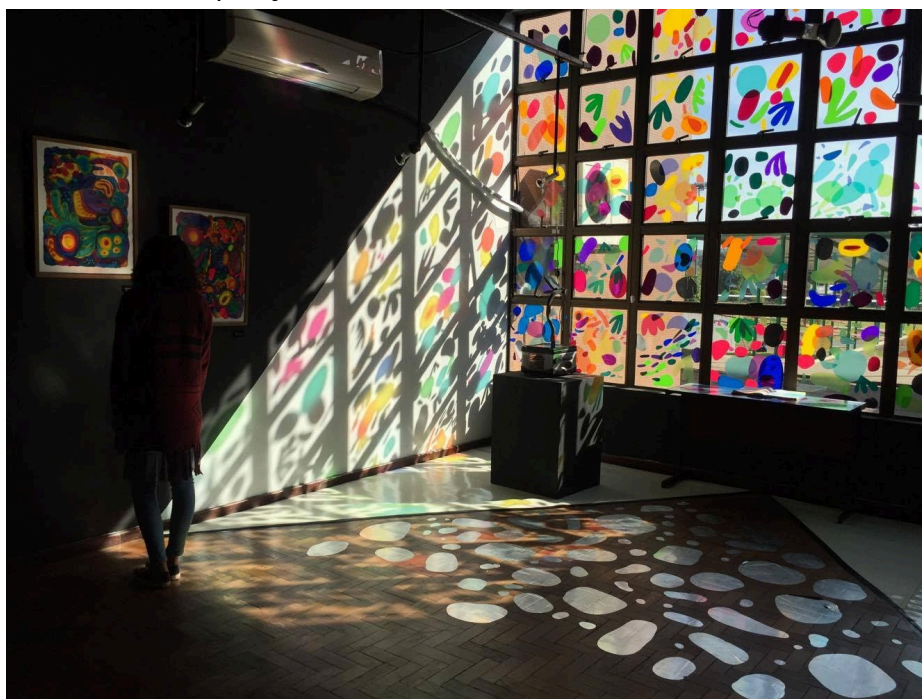
Prazer, Galeria Experimental

A Galeria Experimental é uma sala de aula adaptada (figura 1). De acordo com a planta baixa, esta sala tem um formato retangular. As duas paredes laterais possuem 8,55m de comprimento. A parede onde se encontra a porta de entrada tem 4,93m. A parede do fundo tem esta mesma medida, porém, é formada inteiramente por um conjunto de janelas. Somadas as medidas, temos uma área total de 42, 14m². Ao longo das exposições e práticas artísticas, esse espaço se transforma e ganha novas cores e disposições. Em termos de caracterização organizacional, conforme texto extraído do Formulário de Registro de Extensão, a Galeria Experimental consiste em

[...] [um] espaço de fomento à arte na interface escola-comunidade desde 2014, através de ações que contribuem para o empoderamento cultural, principalmente pelo sentimento de pertencimento cultural da comunidade de Sapucaia do Sul. A Galeria realiza exposições de artistas locais, envolve estudantes em processos de produção cultural e gestão do espaço para, através de parcerias formativas com escolas da região, receber estudantes da comunidade para apreciação artística e participação em oficinas (Formulário de Registro de Extensão, [2018?], p.2).

Figura 1

Exposição Chaine da artista Paula Plim, 2016



Fonte: Galeria Experimental, [entre 2014 e 2021].

A definição “A Galeria Experimental é uma sala de aula que virou um espaço de arte” (Galeria Experimental, [entre 2014 e 2021], doc. eletr.) é encontrada na primeira página de acesso do site institucional. Esta frase indica o itinerário histórico desse lugar, que inicialmente era uma sala de aula comum, mas que, em 2013, teve uma reconfiguração da sua função. O espaço antes utilizado para a rotina de atividades escolares se tornou um cubo branco para receber exposições artísticas (figura 2). Nesta época, ainda carregava seu antigo título, “Sala Multimeios”, mas com a nova movimentação já se percebia que esse cenário estava prestes a ser modificado de forma definitiva (Idem, [entre 2014 e 2021]).

Esta iniciativa está fortemente relacionada ao discurso da instituição que a recebe. Mesmo o IFSul estando dentro do prisma da educação técnica, desde que começou a ofertar também o ensino médio regular, sua abordagem educacional recebeu algumas adaptações. Alguns anos após sua inauguração, onde anteriormente possuía um discurso tecnicista voltado unicamente para a formação profissional, surgiu uma preocupação também com a construção cultural dos seus alunos. Era possível perceber esta particularidade a partir das diversas atividades em sala de aula e eventos produzidos no câmpus,

Giovanna Veiga dos Santos; Ana Carolina Gelmini de Faria

relacionados a arte e a cultura, como o Encontro de Arte, Cultura e Cidadania, o Cefestival, o Arte na C3, entre outros (Galeria Experimental, [entre 2014 e 2021]).

Figura 2

Alunas na exposição “MRCZ Tropicália, Dadaísmo e Expressão”, 2019



Fonte: Galeria Experimental, [entre 2014 e 2021].

A Galeria Experimental pode ser percebida como um dos efeitos dessa nova abordagem. Além desse contexto, a Galeria também se relaciona com o Curso Técnico em Gestão Cultural, criado no ano de 2008, hoje intitulado Curso Técnico em Eventos. Esta formação proporcionou uma imersão ainda maior na temática cultural nas ações institucionais. Esta relação se observa desde o início das atividades propostas pela Galeria. A primeira exposição produzida nesse espaço foi intitulada “De Varejão à Monet”. Responsável por contar a experiência da saída de campo para o Rio de Janeiro e Minas Gerais, no ano de 2012, dos alunos do último ano desse curso técnico, a exibição contou com a produção das professoras responsáveis e alunos participantes (Galeria Experimental, [entre 2014 e 2021]).

Segundo depoimento da professora Stefanie Moreira (Santos, 2020), essa característica cultural do IFSul está muito atrelada ao perfil dos professores na época da implantação do ensino médio regular. Esses docentes possuíam um perfil da área das ciências humanas, ligados a cultura, com a vontade de subverter o modo tecnicista que é automaticamente atrelado às escolas técnicas. Com a oferta do curso de Gestão

Cultural, reconheceu-se a necessidade da criação de um laboratório para as experiências práticas. Então, ao longo dos anos, ele passou por diferentes salas, sendo parcamente utilizado, até chegar ao espaço que hoje a Galeria Experimental ocupa. Em conjunto, as professoras Stefanie Moreira e Bianca Ruskowski perceberam a necessidade de se pensar algum projeto naquela sala, sendo que o primeiro movimento foi a produção citada acima.

Conforme informações extraídas do site da Galeria Experimental, no mesmo ano, em 2013, aconteceram três exposições. A primeira, intitulada “Aquarela em si bemo!”, do artista David Garcia Neto - na época professor do IFSul -, que contou com a mescla entre linguagem visual e música. As outras duas, que fecharam a programação do ano, ocorreram a partir das impressões dos alunos de Gestão Cultural do último ano sobre significação e vivência da arte, material extraído em atividade da disciplina de Língua Inglesa. As exposições, assim como os alunos de Gestão Cultural, foram grandes influências para se pensar em um projeto maior e mais concreto (Galeria Experimental, [entre 2014 e 2021]).

Enquanto essas exposições estavam ocorrendo, a professora Stefanie Moreira desafiou seus alunos do terceiro ano, do curso de Gestão Cultural, a apresentarem projetos de exposições para aquele espaço. De acordo com o seu depoimento (Santos, 2020), o retorno da proposta foi muito positivo, evidenciando o engajamento dos alunos e a disponibilidade dos artistas, fato que incentivou a continuidade das produções artísticas. A partir daí, se percebeu a necessidade de criar um nome para o projeto e uma identidade visual que caracterizasse a iniciativa. Já no ano de 2014, esse espaço reservado para atividades associadas à arte recebeu o título de Galeria Experimental. A partir daí, exposições e intervenções foram sendo montadas, mesmo com as dificuldades que o ambiente possuía, quando ainda sua estrutura e organização não estavam totalmente finalizadas (Galeria Experimental, [entre 2014 e 2021]).

Quando se vai a fundo e se analisa a trajetória histórica desse espaço, facilmente se percebe a presença dos alunos como agentes ativos nesta produção e até mesmo como incentivadores da continuidade do projeto. Já nas primeiras exposições e intervenções que a Galeria recebeu, os alunos do Curso Técnico em Gestão Cultural/Eventos foram peças fundamentais na idealização e produção. Até hoje esta característica permanece, visto que a equipe de trabalho da Galeria Experimental é composta em sua maioria por voluntários estudantes do IFSul (Galeria Experimental, [entre 2014 e 2021]).

Conforme as descrições da equipe no site institucional, no ano de 2019, a Galeria Experimental contou com as duas professoras gestoras do espaço, Stefanie Moreira e Bianca Ruskowski - que foram as responsáveis pela idealização e continuidade desse projeto -, e uma estagiária já formada anteriormente

em Eventos pelo IFSul, cursando Arquitetura e Urbanismo. Além disso, compunham a equipe mais 17 voluntários, sendo nove deles estudantes do Curso Técnico em Eventos, quatro do Técnico em Plásticos, dois do Técnico em Informática, uma do Técnico em Mecânica e uma voluntária ex-aluna de Gestão Cultural, atualmente estudante de Jornalismo (Galeria Experimental, [entre 2014 e 2021]).

A partir desse dado, observa-se que a Galeria Experimental possui maior ligação com os alunos do Curso Técnico em Eventos, podendo ser resultado da proximidade com a área do saber. Desta forma, também é um espaço que procura se relacionar com as disciplinas conectadas à arte e a cultura. Para facilitar esse diálogo, procura-se uma diversidade nas linguagens e nas temáticas trabalhadas nas exposições, a fim de possibilitar a associação com os diversos assuntos tratados em sala de aula (Formulário de Registro de Extensão, [2018?]). Segundo o Plano de Trabalho do Aluno Bolsista de 2016, documento referente à demanda do projeto de extensão, as funções destinadas a essa tipologia de trabalho são as seguintes:

Ser colaborador nos processos de planejamento e execução dos projetos de exposição da Galeria desde sua concepção, convite e interlocução com artistas convidados, logística para trazer e devolver obras, até curadoria, monitoria, coordenação da parceria com as escolas e os processos de monitoria para exposições, bem como responsabilidade pelas dimensões de comunicação digital que a Galeria envolve (Plano de Trabalho do Aluno Bolsista, 2016, doc. eletr.).

Visto isso, observa-se que o grupo de voluntários da Galeria Experimental se faz presente nas mais diversas atividades necessárias para o funcionamento desse espaço. É possível pensar nesses agentes, inclusive, como parte fundamental da rotina de trabalho, visto que são maioria e suas responsabilidades estão distribuídas por todas as fases de planejamento das exposições. Então, percebe-se que a presença dos alunos, que tiveram uma grande importância desde a abertura da Galeria Experimental, ainda permanece significativa e valorosa.

Para compreender a dinâmica da Galeria Experimental, é necessário adentrar o planejamento de seu funcionamento. Conforme descrito no Plano de Trabalho do Estudante, enviado para a Pró-reitoria de Extensão e Cultura ([2018?]), a equipe da Galeria Experimental realiza uma programação anual, que se dá a partir do mapeamento de possibilidades de artistas locais, sendo o levantamento realizado por integrantes, bem como por sugestão da comunidade escolar através de edital. Ainda com base nesse documento, o próximo passo é a análise e seleção dos artistas que irão compor uma primeira versão da programação de exposições do ano vigente, sempre primando por critérios de avaliação que potencializam a democratização e a diversidade em relação às linguagens artísticas. O processo continua

a partir do contato com os artistas selecionados, a fim de confirmar o interesse e a disponibilidade de realizar um trabalho de exposição na Galeria Experimental. Com estas informações definidas, é dado seguimento na organização e execução das atividades. No ano de 2018, data da proposição do documento utilizado como fonte, estavam previstas, no mínimo, oito exposições.

Como justificativa para a manutenção e permanência desse trabalho, se utiliza do argumento da qualificação na formação dos alunos que participam como agentes ativos na produção da Galeria Experimental:

As exposições são experiências formativas para alunos do curso, os quais são responsáveis pela curadoria e manutenção das exposições e do espaço em si. Neste sentido, a experiência da Galeria Experimental constitui-se, desta forma, também em uma experiência significativa pela vivência de aprendizagem em produção cultural para os envolvidos. (Formulário de Registro de Extensão [2018?], p.5)

Assim, compreende-se o porquê desse lugar ter sido pensado por suas idealizadoras no início de sua trajetória e continuar tendo apelo por sua manutenção dentro desse espaço escolar. Portanto, se vê a potencialidade da Galeria Experimental como um diferencial nesta região, assim como uma ferramenta no processo de ensino dos alunos. Identifica-se essas características não apenas por resultados imediatos, como número de visitantes ou de participantes dos eventos e oficinas, mas também pelos efeitos que podem ser gerados a longo prazo nos partícipes desse projeto.

Galeria Experimental sob a ótica da educação museal: iniciativas, desafios e impacto social

Scheiner (2002) afirma que uma exposição é uma ferramenta para o argumento cultural e sua característica de persuasão está no uso de suas diversas linguagens, criando em conjunto com o seu público narrativas com identidade. Além disso, Guarnieri (2010) aponta que não se trata de escolhas e discursos neutros, mas de escolhas que carregam significados e intenções. A exposição declara, comunica, registra e indaga, tem o potencial de estabelecer e subverter. A linguagem museológica proporciona “[...] dizer o que é impossível explicitar nos tempos de cólera e opressão;” (Ibidem, p.142).

O aspecto pedagógico do museu não se dá por meio dos procedimentos didáticos formais, mas pelo movimento espontâneo de uma relação que conversa com a habilidade imaginante do visitante e com as diversas mensagens apresentadas em uma exposição. O museu é também um ambiente de

formação, que está aberto para provocar ações de aprendizagem. Para isso, é necessário buscar a interlocução com o visitante (Scheiner, 2002). Podemos ir além e pensar esse diálogo com os variados agentes envolvidos em uma exposição.

Segundo Scheiner (2002), as exposições são uma ferramenta relacional com grande potência mediática. Além de provocar a junção entre pessoas e objetos, sobretudo, têm a habilidade de associar pessoas e pessoas, todas aquelas que são, de alguma forma, agentes desse espaço expográfico: as que estão ligadas à produção do objeto, as que conceberam a exposição, as que mantêm o contato com o público, as que visitam os espaços museais, as que não se fazem presentes nos museus, mas que se manifestam sobre eles.

Para além, Varine (2000) aborda sobre uma “Museologia da Libertação”, que conversa com as ideias de Paulo Freire. O autor a caracteriza como um processo dinâmico com fundamento comunitário, que busca três objetivos de “libertação”. O primeiro, relacionado a consciência, iniciativa e criatividade. O segundo, sobre a capacidade de observação e domínio das mudanças. E o último, associado a comunicação social (Varine, 2020). Nesta noção, se observa o museu como um processo parte da estrutura social, econômica e educativa.

A partir desses pensamentos, é possível mesclar as noções museológicas com as da educação e realizar o exercício de reflexão sobre como a Galeria Experimental se torna, além de estimulador da fruição da arte, um ambiente onde se aplica a noção de educação dialógica que Paulo Freire, patrono da educação brasileira, elabora: “A educação autêntica, repitamos, não se faz A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões e pontos de vista sobre ele” (Freire, 2019, p.61).

Essa característica educativa da Galeria Experimental torna-se notável antes mesmo de ela existir. Logo, quando se pensou na proposta da existência desse espaço, uma das motivações e justificativa para esse trabalho era possibilitar mais uma experiência prática aos alunos em relação às produções culturais. Isso pode ser observado na fala da professora Bianca Ruskowski, quando diz: “A ideia surgiu da necessidade de termos um laboratório criativo no campus para que as e os estudantes de Gestão Cultural/Eventos pudessem desenvolver ideias, produzir ações culturais e praticar os conhecimentos adquiridos nas disciplinas” (Santos 2020, p.45)

Esse diálogo da Galeria Experimental com Paulo Freire é evidenciado ainda mais explicitamente pela fala da professora Stefanie Moreira (Santos, 2020), na qual afirma que o trabalho da Galeria se baseia

na visão Freiriana de que é necessário a inclusão da noção de sociedade no fazer pedagógico. Assim como declara que as decisões curatoriais durante a produção, em relação à escolha dos temas e artistas, são voltadas para a busca de uma transformação social.

É perceptível a aplicação desta ideia também quando analisadas as respostas dos voluntários, principalmente quando descrito o processo de criação, planejamento e prática das exposições. O constante uso da 1ª pessoa do plural da língua portuguesa, nós, no detalhamento das atividades, foi uma das indicações que esse processo se baseia no diálogo horizontal, conforme observa-se na fala da Voluntária 6:

Na grande maioria das vezes flui de uma forma muito leve a ideia de alguma nova exposição. Pode fluir algo em uma conversa aleatória sobre qualquer coisa, e as administradoras deixam a nossa mente andar tanto e nos ajudam a dar asas pra qualquer ideia que eu, particularmente, me sinto na liberdade de falar qualquer coisa que eu ache interessante e as vezes isso se transforma em algo muito legal. Porém, para organizar uma exposição, que é quando somos lembrados de que apesar de ser voluntário, a galeria ainda é um trabalho, tudo precisa ter suas regras e limites, apesar de não ser tão restrito quanto as minhas palavras podem dar a entender. Quando seguimos essas regras e respeitamos os limites, conseguimos dar uma ideia ótima para alguma exposição, então ocorrem reuniões para dar mais "corpo" para esse trabalho, vamos atrás do(s) artista(s) em questão, e colocamos os materiais de produção tudo dentro de um orçamento possível, sendo que o material principal vem do próprio artista, logo, essa parte é gratuita. Fazemos artes para divulgação, chamamos o(s) próprio(s) artista(s) para conversar com os voluntários e termos uma ideia do que ele quer, para que seu trabalho seja devidamente respeitado, e assim vai indo (Santos, 2020, p.45-46)

Segundo Freire (2019), uma formação libertadora deve prezar e ter como foco a independência dos indivíduos no seu processo de pensar. Para que haja a reflexão e discussão de seus posicionamentos e se sintam à vontade e com confiança de expressar suas ideias e sugestões. Ainda, evidencia que na ação dialógica é necessário se desprender do entendimento de estar “sobre” e mudar sua disposição para “com”, que carrega a marca do companheirismo.

Na produção audiovisual “Galeria pra quê?” (2015), uma aluna evidenciou a capacidade da Galeria Experimental em transformar o espaço escolar, incentivando o exercício da reflexão sobre arte e cultura. Destacou também a importância da Galeria para a formação escolar, assim como indivíduo cidadão. Outro aspecto apontado por outra estudante, foi a habilidade desse ambiente em proporcionar o desenvolvimento crítico e provocar novos conhecimentos e reflexões. Considera-se significativo salientar que a maioria dos voluntários são oriundos do curso Técnico em Eventos. Mesmo as ações culturais não

fazendo parte de sua formação técnica, foram apontados nas respostas dos questionários os diferentes aprendizados que o tempo de trabalho na Galeria Experimental possibilitou:

Eu não vejo muita semelhança com o curso de plásticos, mas com certeza é um complemento pra vida, você aprende muitas coisas lá dentro que podem ser aplicadas em qualquer emprego futuro...trabalhar em equipe, processos de organização, como projetar eventos e como lidar com o público (Santos, 2020, p.46)

Essas colocações vão ao encontro do que afirma Freire (2019), que expõe que a formação técnico-científica não exclui ou se posiciona contra a educação humanista, mas que a ciência e a tecnologia necessitam se colocar a serviço de sua emancipação constantemente, de sua humanização. Portanto, compreende-se que o IFSul Campus Sapucaia do Sul tem desenvolvido exercícios e promovido projetos que incentivam essa prática. A Galeria Experimental é um grande exemplo de uma ação que move as estruturas de uma “educação bancária” e caminha para a direção da “educação dialógica”.

A ideia desta pesquisa não está em romantizar as relações de produção da Galeria Experimental. Com isso, destaca-se a fala da professora Stefanie Moreira (Santos, 2020), em que ela afirma que há uma grande procura por parte dos alunos em ser voluntário e que a ideia é que todos participem de todas as etapas de trabalho. Porém, ela identifica pouca participação dos alunos nas etapas iniciais de concepção do tema e da curadoria, situação que vai se transformando gradativamente ao longo do processo. Isto acaba direcionando as primeiras decisões para as professoras e estagiária, o que de alguma forma vai ao encontro de uma hierarquia mais tradicional. Nesta noção, percebe-se que há também dificuldade para os alunos em quebrar a barreira da educação bancária, ruptura que ocorre ao longo da jornada.

Esse processo participativo não é percebido apenas por aqueles que fazem parte da equipe ou que vivenciam a Galeria Experimental em sua rotina. Além das descrições dos estudantes, o caráter colaborativo das exposições organizadas pela Galeria Experimental é também reforçado pelos artistas. Nelas se percebe o destaque para essa diferença da participação dos alunos quando comparada às suas exposições em outros espaços, como observado na fala do Artista 1:

Posso destacar o processo todo como amplamente participativo e preocupado com a mediação democrática do que seria exposto. Destaco ainda o modo como a exposição disparou processos de formação humanista e crítica com xs studentxs, graças à arquitetura pedagógica que conecta a galeria às salas de aula, que toma a galeria como espaço de formação. (Santos, 2020, p.47)

Conforme Freire (2019), quando se trata de colocar em prática a teoria dialógica, não há relação de dominação. O que se faz presente no processo é o encontro dos sujeitos para a articulação de ideias, para a transformação do estabelecido. Mesmo quando se pensa em organização, nesse contexto, ela não deve existir por meio do uso autoritário de imposições, pois deve-se prezar pela liberdade. Assim, a partir do processo curatorial das exposições, podemos interpretar que as ações realizadas na Galeria Experimental preconizam uma educação museal:

A Educação Museal coloca em perspectiva a ciência, a memória e o patrimônio cultural enquanto produtos da humanidade, ao mesmo tempo em que contribui para que os sujeitos, em relação, produzam novos conhecimentos e práticas mediatizados pelos objetos, saberes e fazeres. [...] Neste contexto, a Educação Museal é uma peça no complexo funcionamento da educação geral dos indivíduos na sociedade. Seu foco não está em objetos ou acervos, mas na formação dos sujeitos em interação com os bens musealizados [...]. Mais do que para o “desenvolvimento de visitantes” ou para a “formação de público”, a Educação Museal atua para uma formação crítica e integral dos indivíduos, sua emancipação e atuação consciente na sociedade com o fim de transformá-la. (Costa et al., 2018, p.74)

Nessa perspectiva, observa-se que as produções das exposições da Galeria Experimental vão além do resultado final e da fruição da arte para o público visitante. Esse espaço também se coloca como fração importante do processo de formação daqueles que participam das diversas etapas que abrangem uma produção expográfica. Esses diferentes olhares para o espaço só são possíveis pela diversidade de ações, de resultados e de frutos que o trabalho da equipe da Galeria Experimental proporciona para o IFSul Câmpus Sapucaia do Sul e para todos aqueles que são atingidos pelas produções culturais ali organizadas e oferecidas.

Considerações Finais

Os Institutos Federais de Educação são espaços de ensino formal que propõem uma formação diretamente vinculada ao mercado de trabalho, mas sem deixar de olhar para as questões ligadas à cidadania. Dentro desta noção é possível refletir sobre o IFSul Câmpus Sapucaia do Sul que, mesmo sendo uma instituição tecnicista, por meio das experiências e esforços dos professores se tornou um ambiente fomentador da cultura. Nesse panorama, destaca-se o curso de Gestão Cultural, que colaborou com potencialização dessa particularidade. Mais do que isso, foi de grande importância para a existência da

Galeria Experimental. Portanto, percebe-se a relevância em evidenciar instituições de ensino que além de proporcionar a formação educacional, reconhecem seu papel social no ambiente que estão inseridos.

Com esse cenário, nota-se a afinidade da Galeria Experimental com a noção das relações produzidas no ambiente de caráter museal, no qual o foco não está em coleções, ou acervo, mas nas experiências que essa vivência oportuniza. Aponta-se a Galeria como uma ferramenta para gerar reflexões, por meio da arte e da cultura, na perspectiva da educação museal. Além disso, torna-se um projeto que auxilia no processo de desmistificação da elitização da arte e dos espaços de memória, tornando-os mais acessíveis para a comunidade a que pertence.

O trabalho realizado na Galeria Experimental faz um caminho inverso ao que geralmente ocorre nas instituições escolares. Quando se propõem a refletir e incentivar a relação dos alunos com espaços museológicos é comum a realização de saídas de campo, quando possível, devido a realidade das escolas públicas brasileiras. Visto isso, esse espaço evidencia o potencial de uma ação que propõe levar a arte até os alunos, em um ambiente no qual se sintam à vontade, para que a partir daí possam se reconhecer pertencentes, consumidores, e até mesmo produtores desse universo.

A Galeria Experimental se coloca como parte importante do processo de formação dos participantes, em que se deparam com a ideia de uma educação prática e participativa. Quando se aprofunda nessas questões, é perceptível que na metodologia de produção e do trabalho cotidiano da Galeria as noções da educação dialógica são aplicadas e incentivadas. Preza-se por um processo coletivo no qual todos têm voz para expressar suas opiniões. Porém, a própria equipe nota a necessidade do fortalecimento destas atitudes participativas, em que todos possam se sentir agentes ativos e confortáveis para colaborar nas decisões e concepções.

Percebe-se a Galeria Experimental como um espaço que difunde a arte e a cultura em uma região onde esse exercício é escasso. Indo a fundo sobre seu trabalho e atuação, é perceptível que seu impacto vai além das visitas às exposições. Ele está presente nas suas produções, em seus posicionamentos, nas relações e experiências que proporciona. Constata-se a importância da realização de ações de pesquisa e extensão, já no ensino médio, visto o quanto esses projetos podem impactar na vida daqueles que participam e usufruem. Assim, o estudo e a divulgação dessa experiência singular, que relaciona a arte com práticas educativas e que evidencia a possibilidade de se utilizar metodologias coletivas e práticas para o ensino de jovens, pode se tornar um exemplo para futuras ações que possuem essa perspectiva como objetivo, a partir da junção entre arte e educação.

É possível identificar práticas educativas comprometidas com o exercício da cidadania. A Galeria Experimental é um trabalho colaborativo, criativo e emancipador, que instiga os estudantes a interpretar a realidade e a se tornarem protagonistas de sua própria história. Esse é um cenário em que os exercícios propostos valorizam a reflexão e a mobilização dos sujeitos, instigando uma postura fundamentada em atos de resistência, de libertação e de afetos. Ao realizar essa imersão, conclui-se que a Galeria Experimental estimula um dos aprendizados mais transformadores do ser humano: o pensamento consciente e crítico.

Referências

AMARAL, Carla Giane Fonseca do. Arte e educação profissional no Brasil: desafios para a docência. In: **(pensamiento), (palabra)...** Y *Obra*, n.15, enero - junio de 2016. p. 64 -71. Disponível em:

http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S2011-804X2016000100007&script=sci_abstract&tlng=pt

Acesso em 3 jul. 2024.

ARAÚJO, Jair Jonko; HYPÓLITO, Álvaro Moreira. Novos significados para educação profissional e tecnológica no instituto federal sul-rio-grandense: a política de criação dos institutos. **RBPAE**, Goiânia, v. 32, n. 1, p. 247 – 265, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/62363>.

Acesso em 3 jul. 2024.

BRASIL, **Lei Nº 11.195, de 18 de novembro de 2005**. Dá nova redação ao § 5º do art. 3º da Lei nº 8948, de 8 de dezembro de 1994. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2005.

CAMPUS Sapucaia do Sul: curso técnico em Gestão Cultural e curso técnico em Informática. Sapucaia do Sul, RS: IFSul, [2008?]. 1 folder.

COSTA, Andréa; CASTRO, Fernanda; CHIOVATTO, Milene; SOARES, Ozias. Educação Museal. In: Instituto Brasileiro de Museus. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: IBRAM, 2018. p.73-74. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/cadernos-e-revistas/caderno-da-politica-nacional-de-educacao-museal/view>. Acesso em 3 jul. 2024.

FORMULÁRIO DE REGISTRO DE EXTENSÃO, [2018?], 15p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 71 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2019.

GALERIA EXPERIMENTAL. Galeria Experimental, [entre 2014 e 2021]. Projeto de extensão do IFSul Campus Sapucaia do Sul. Disponível em: www.galeriaexperimental.com.br .Acesso em: 04 jul. 2024.

GALERIA PRA QUÊ? Produção Galeria Experimental. Brasil, 2015. Arquivo Galeria Experimental.

Giovanna Veiga dos Santos; Ana Carolina Gelmini de Faria

Gil, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUARNIERI, Waldisa Rússio. Exposição: texto museológico e o contexto cultural [1986]. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. v.1, 1.ed., São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho internacional de Museus, 2010. p. 137-143.

PREFEITURA DE SAPUCAIA DO SUL. **Portal de Sapucaia do Sul**, [entre 2021 e 2024]a. Página História. Disponível em: <<https://www.sapucaiaodosul.rs.gov.br/historia/>>. Acesso em 7 jul. 2024.

OTRANTO, Célia Regina. Criação e implantação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia - IFETs. **RETTA - Revista de Educação Técnica e Tecnológica em Ciências Agrícolas**. v. I, n,1, p. 89-108, jan./jun. 2010.

PLANO DE TRABALHO DO ALUNO BOLSISTA, 2016, 3p.

PLANO DE TRABALHO DO ESTUDANTE, [2018?], 2p.

POSTEIRO. **Informativo da Escola Técnica Federal de Pelotas**, Publicação Quinzenal da Comunicação Social, Ano II, n.27, 15 de abril de 1998.

ROSA, Tatiana Fátima Stürmer da. **Práticas sociais como manifestações culturais: um estudo sobre o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - Campus Sapucaia do Sul**. 2011. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

SANTOS, Giovana Veiga dos. **Para além da sala de aula: a Galeria Experimental como espaço de difusão cultural**, 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

SCHEINER, Tereza. Museologia e apresentação da realidade. In: **ENCUENTRO REGIONAL DEL ICOFOM LAM**, 11., 2002. Equador. Anais ICOM International Council of Museums, Equador, 2002. p. 96-105.

PREFEITURA DE SAPUCAIA DO SUL. **Portal de Sapucaia do Sul**, [entre 2021 e 2024]b. Página Sobre. Disponível em: <<https://www.sapucaiaodosul.rs.gov.br/sobre/>> Acesso em: 7 jul. 2024

VARINE, Hugues de. A Nova Museologia: ficção ou realidade. **Museologia Social**, Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 2000. p.21-34.

Revisão textual e de normas da ABNT realizada por: Shelley do Nascimento de Campos Polycarpo.